

# Chiquinho, quinta-feira

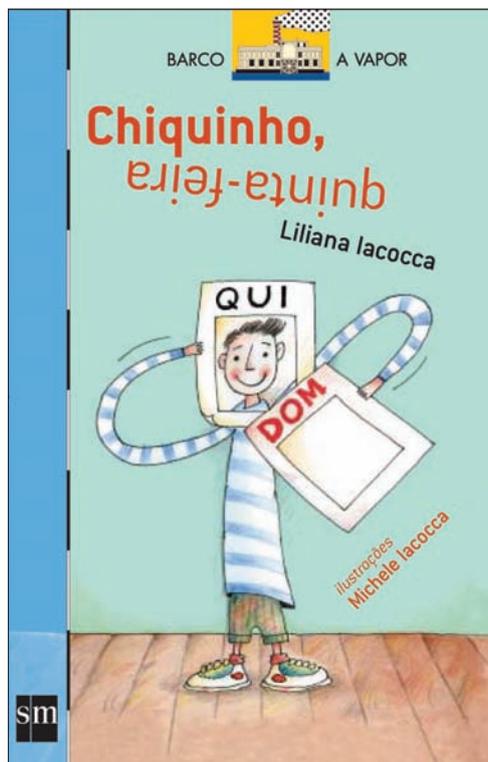
Liliana Iacocca



Ilustrações Michele Iacocca

Temas Importância da imaginação e da criatividade; Família; Comportamento; Autoconhecimento

## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Azul nº 1  
104 páginas



O livro *É domingo* e Chiquinho está achando o dia extremamente entediante. Para animar o fim de semana, o garoto faz de conta que é quinta-feira. Mas, se isso é verdade, algumas coisas precisam mudar, afinal, naquele horário, às quintas-feiras, Chiquinho está na escola e não em seu quarto. Assim, quem está em casa não é ele, mas outra pessoa! A partir daí, Chiquinho começa a viver uma fantasia muito maluca, marcada pela aparição de uma galeria de seres bizarros, como o Barriga de Trapo, a Mulher Descarada, a Moça-Sem-Pés e o Moço-Sem-Cabeça.

A AUTORA Liliana Iacocca nasceu em São Paulo, em 1947. Formada em jornalismo, já colaborou para os principais órgãos de imprensa do Brasil. Há mais de duas décadas se dedica à literatura infantil e juvenil; é considerada uma das principais autoras do país. Tem muitos títulos publicados e trabalha na maior parte das vezes em parceria com seu marido, Michele Iacocca.

O ILUSTRADOR Michele Iacocca nasceu na Itália, mas vive no Brasil desde a juventude. Formado em artes plásticas, tornou-se reconhecido cartunista e ilustrador. Já ilustrou mais de cem livros para crianças e jovens e recebeu diversos prêmios por seu trabalho.



200896275064

## Mergulhando na temática

### REALISMO MÁGICO

Obras em que as fronteiras entre Realidade e Imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, onde as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum, onde irrompe algo “estranho”, que é visto ou vivido com a maior naturalidade pelas personagens.

(Cf. COELHO, N.N. *Literatura Infantil. Teoria – Análise – Didática*, p. 141)

### LITERATURA FANTÁSTICA

O fantástico se caracteriza pela incerteza proposital trazida ao leitor sobre a presença de acontecimentos sobrenaturais — aqueles que não podem ser explicados pelas leis do mundo real, conhecido por todos. Na literatura fantástica, geralmente não fica claro para o leitor se tais acontecimentos são produtos de uma ilusão, da imaginação, ou se são partes de uma certa realidade. Ou seja, o leitor habituado a esse tipo de literatura gosta de ler algo que fuja do mundo real, com suas leis e regras. E o escritor que assim escreve quer causar no leitor essa receptividade. Numa história desse tipo (para adulto ou para crianças), são aceitas com naturalidade pessoas que voam, personagens que não morrem, sereias que se casam etc. O gênero próximo à literatura fantástica é a fábula.

## INTERPRETANDO O TEXTO

### A VIDA É FEITA DE ESCOLHAS

*Chiquinho, quinta-feira* é o primeiro livro publicado por Liliana Iacocca, em 1985. Foi lançado numa época em que houve uma explosão criadora na literatura infantil e juvenil, a exemplo do que ocorreu com a música na década de 1970. O livro, relançado agora, continua inteiramente atual.

Rica em simbolismos, esta narrativa pode ser enquadrada no chamado **realismo mágico** e permite múltiplas interpretações. Com dizem os críticos, a **literatura fantástica** é naturalmente polissêmica, com mais de um significado. Sendo assim, a leitura e as interpretações aqui sugeridas não são únicas nem fechadas.

Num certo domingo, Chiquinho está insatisfeito: não gosta de seu nome — inventa até uma assinatura — e não se identifica com a família. Entediado, decide transformar seu dia em quinta-feira e acaba entrando em um mundo paralelo, onde acontece uma série de fatos que o ajudam a encontrar sua identidade. De forma simbólica, Chiquinho *relaciona-se* com sua família e com seu passado durante toda a manhã e, quando chega a hora do almoço, já não é mais o mesmo menino.

A fantasia vale como recurso para resolver um problema que muitas crianças enfrentam: a busca de sua identidade por meio da experimentação ou simulação de papéis. Assim faz Chiquinho: em sua fantasia, interage com a imagem que tem do pai, da mãe, da irmã e de si mesmo, conseguindo encontrar (ou moldar) sua própria identidade.

As ilustrações reforçam a história, principalmente o seu lado irônico, proporcionando uma profunda harmonia entre texto e ilustração.

O narrador protagonista é a ferramenta que confere verossimilhança à narrativa. O leitor acompanha a história pelos olhos de Chiquinho, que não se questiona se as coisas que ocorrem naquele domingo acontecem realmente ou não, já que está acostumado a misturar fantasia e realidade.

Na verdade, quando Chiquinho transforma o domingo em quinta-feira, percebe que a vida é feita de escolhas e que, quando se tem a liberdade de escolher, tudo é possível. E, se o domingo é quinta-feira, ele então deveria estar na escola e não em seu quarto; assim não é ele quem está lá, mas outro menino.

À semelhança do que ocorre em *Alice no país das maravilhas*, é criado um mundo paralelo, *não-real* dentro do mundo do menino. Animado com isso, ele resolve escolher uma personagem e aos poucos vai descobrindo quem ele é.

Usando a lógica, Chiquinho resolve ser um espião (p. 31) e passa a espionar a si mesmo. Este é o primeiro ato simbólico na busca de sua identidade: vasculha o quarto, abrindo até a gavetona de seu armário que vive fechada, mas os “velhos” objetos guardados dentro dela não lhe dizem nada.

Em seguida chega o homem sem barriga que pede que o ajude a encontrar a barriga perdida. Chiquinho deixa de ser espião e se torna investigador. A barriga é a primeira parte do corpo de Chiquinho a ganhar identidade. Pois a barriga, ou a falta dela, é a única coisa que o caracteriza até então. Considerando que ela simboliza o útero da mãe, a origem da vida, faz sentido que sua busca de identidade se inicie por ela. Por outro lado, também simboliza a masculinidade, ou a linhagem masculina da família de Chiquinho, pois Barriga de Trapo conta que sempre cultivou a sua, que tem orgulho dela e acha que seu filho a roubou, pois, no fundo, a inveja. Ao providenciar uma barriga para o homem, o menino está preenchendo parte de sua personalidade, de sua identidade ainda desconhecida: sua masculinidade e sua ascendência. Preenchendo a barriga com as roupas velhas que tinha encontrado na gaveta, ela fica repleta de sua história. Com isso, Chiquinho percebe que sua identidade também é formada pelo passado.

Mais tarde, entra pela janela a Mulher Descarada com uma panela de sopa na mão. Na (p. 15) o leitor fica sabendo que a mãe de Chiquinho faz uma sopa que sempre tem gosto “de coisa que não gosto” portanto, a associação dessa personagem com a mãe é imediata. Quando descobre que está sem cara, ela também acha que foi a filha quem a roubou, reforçando a idéia, do capítulo anterior, de que parte da identidade dos filhos é dada pelos pais. Chiquinho percebe que a cara da mulher está dentro da sopa. Ou seja, a mãe e a sopa sempre estiveram tão associadas que se misturam e confundem.

Num processo semelhante ao do homem sem barriga, Chiquinho cria uma cara para a mulher. Criar uma face para a mulher-mãe também faz parte do processo de busca de identidade do menino, interpretação reforçada pela ilustração (p. 65). Quando



faz um rosto para a mulher-mãe com uma máscara, ele está conferindo a ela uma identidade (e, simbolicamente, a si mesmo), pois apesar de o rosto ser composto por olhos, nariz, boca e sobrancelhas, nenhum é igual ao outro; eles são identificadores, e diferenciam as pessoas umas das outras.

Por fim, chegam o Moço-Sem-Cabeça e a Moça-Sem-Pés, brigando. Uma associação possível é que representem Chiquinho e sua irmã brigando cada um por uma parte do corpo do outro. Aos poucos, ele vai preenchendo simbolicamente partes de seu corpo e construindo sua identidade.

O menino, agora com pés que o levam a todo lugar e uma cabeça pensante, pode sair pelo mundo sem perder seus laços com a família que carrega, em parte, dentro de si. Os personagens sem pé nem cabeça indicam a função e a importância que esses membros e esses órgãos perdidos têm. O moço tem verdadeiros pés de atleta e a moça tem uma cabeça cheia de conhecimentos. No entanto, pés sem a cabeça ou cabeça sem pés não valem muito. O menino, então, providencia uma cabeça para o moço e pés para a moça. Mas, para a cabeça, não usa apenas objetos de seu passado, mas também coisas atuais: folhas de caderno, tabuada, raciocínio e improvisação.

Depois que os dois vão embora, felizes, Chiquinho volta a ficar sozinho em seu quarto. No entanto, ele é outro menino: alegre, descontraído e faminto (o que não acontecia antes). O próprio domingo com a família, que antes era entediante, se transforma. E a narrativa não se fecha, pelo contrário, convida o leitor a continuar a brincadeira de Chiquinho: “E, se o domingo não era domingo, era uma quinta-feira, (...) quem é que estava naquela mesa almoçando?” (p. 99).

Quinta-feira, então, não é mais um dia da semana, mas um mundo paralelo em que o menino sabe quem é e se diverte sempre. Portanto, se sua identidade existe na quinta-feira (que é domingo), Chiquinho passa a ser Chiquinho, quinta-feira.

## O JOGO DE PALAVRAS

A história de Chiquinho é carregada de ironia. O próprio fantástico provoca o riso. Situações insólitas, como um homem sem barriga que quer ir ao baile no clube dos barrigudos; uma mulher que perdeu sua cara na panela de sopa; um casal, que briga para roubar o pedaço do corpo do outro.



### CATACRESE

É uma linguagem figurada, uma metáfora especial. Quando falta um termo para se nomear um objeto ou parte dele, por semelhança com esse objeto, cria-se uma catacrese. Por exemplo: *pé de mesa, cabeça de alho, dentes de alho, boca do forno, céu da boca, cabeça de alfinete* etc.

#### Algumas sugestões bibliográficas:

COELHO, N. N. *Literatura infantil. Teoria, análise, didática*. 6ª ed. Série Fundamentos. São Paulo, Ática, 1993.

HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Novas Buscas em Educação. São Paulo, Summus, 1980.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Coleção Debates. São Paulo, Perspectiva, 1979, trad. Leyla Perrone-Moisés.

PROPP, V. *Comichidade e riso*. São Paulo, Ática, 1992, trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade.

A ironia também ocorre no discurso. O recurso lingüístico mais marcante da narrativa, utilizado como ferramenta para a ironia, é o jogo de palavras: ao mesmo tempo em que Chiquinho constrói sua identidade, a narrativa desconstrói algumas expressões metafóricas da língua portuguesa, as **catacreses**. Logo no início, o narrador conta que sua avó e sua irmã o chamavam de palito de fósforo. Aqui, a ironia e a desconstrução aparecem na ilustração que mostra Chiquinho dentro de uma caixa de fósforos. Mais à frente, outras expressões são desmontadas quando a narrativa aponta para o seu significado original: quando o homem sem barriga pede ajuda a Chiquinho, acusa-o de estar *tirando o corpo fora*, uma brincadeira com sua própria situação, já que parte de seu corpo *foi tirado fora*. O mesmo acontece com a Mulher Descarada, que realmente não tem cara. E a sopa passa a ter literalmente uma cara, numa brincadeira com a expressão que se usa para descrever objetos inanimados.

A transformação ou a desconstrução da expressão vai evoluindo na narrativa: Chiquinho vai ver a *cara da sopa*; ela tinha uma *cara boa*, a *cara da sopa* lembrou uma *cara de mulher*. Ao mesmo tempo, a mulher, como não tem boca, *fala pelos cotovelos* literalmente. E o narrador lembra o leitor do significado metafórico da expressão no final do capítulo: “... saiu pela janela, falando, falando, falando pelos cotovelos. Quer dizer, continuava falando pelos cotovelos, mas agora pela boca” (p. 68). E quanto ao casal que também, literalmente, *não tem pé nem cabeça*, o narrador recorre à expressão original quando diz à moça que teve uma idéia *sem pé nem cabeça*, o que a deixa desconcertada.

\*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

### ANTES DA LEITURA

Embora esta narrativa tenha muitos simbolismos relacionados a alguns acontecimentos e sua importância no texto, não é útil escancarar de pronto para os alunos essas interpretações: seria roubar toda a magia do livro. Os aspectos simbólicos podem ser trabalhados de forma indireta. Aliás, o uso de simbologias como ferramenta para facilitar a passagem de uma fase da vida para outra é bastante conhecido das crianças e não causa estranhamento. Por essa razão, as atividades podem apenas conduzir com sutileza o leitor a caminhos pessoais de interpretações e identificações emocionais.

É interessante fazer com os alunos um exercício de auto-retrato. Eles devem olhar-se no espelho e desenhar o próprio rosto. Em seguida, em duplas, cada um pode desenhar o rosto do outro. Ao final das duas atividades, é interessante comparar os desenhos e comentar as diferenças entre o auto-retrato e o retrato feito pelo outro. Onde estão essas diferenças? Apenas nos traços ou em outras informações?

Outra possibilidade é pedir a cada aluno que escreva em um pedaço de papel cinco características suas (não precisam ser qualidades ou defeitos, mas características consideradas marcantes). Em seguida, podem se juntar em duplas e fazer o mesmo com o colega ao lado. Em seguida, comparar as características descritas pelos dois alunos.

As duas atividades são interessantes para se iniciar um debate sobre a forma como nos vemos e como somos vistos pelos outros.

Aproveitando-se a primeira discussão, é possível conversar com a classe sobre quem são e quem gostariam de ser.

### DURANTE A LEITURA

Pode-se ler com os alunos apenas o primeiro capítulo e conversar sobre Chiquinho. Eles devem anotar e guardar as características vistas no personagem.

É interessante perguntar aos alunos por que Chiquinho pode, de repente, ser o que quiser. E se os leitores inventassem que aquele dia (o da aula) era um outro: será que também poderiam escolher ser quem quisessem? Um jogo semelhante ao de Chiquinho, que os deixe interagir entre si e aponte os prós e contras daquilo que escolheram ser, é bastante apropriado.

Pode-se também pedir aos alunos que se coloquem no lugar de Chiquinho e imaginem que em seu quarto entram um homem sem barriga, uma mulher sem cara e um casal sem pé nem cabeça. Em seguida, eles podem escrever (ou desenhar) os objetos que usariam para criar a barriga, a cara, a cabeça e os



pés dessas personagens. Como estão em seu quarto, devem usar somente os objetos que têm lá. Em voz alta, pode-se discutir por que escolheram este ou aquele objeto.

É interessante pedir que os alunos se imaginem sem barriga, sem cara ou sem pés, e discutir com eles como isso afetaria suas vidas.

Pode-se conversar sobre as brincadeiras verbais da obra, ao usar expressões idiomáticas: a mulher *descarada*, que *fala pelos cotovelos*, olhar a *cara* da sopa, o casal *sem pé nem cabeça*, o menino que é um *palito de fósforo*. Nesse momento é útil perguntar o que as pessoas querem dizer quando usam essas expressões. Pode-se, a partir do interesse, criar um glossário ilustrado de expressões idiomáticas em que os alunos desenhem o significado literal de cada expressão e anotem ao lado o significado corrente. Alguns outros exemplos dessas expressões são: mão-de-vaca, dentes de alho, bater papo etc.

## DEPOIS DA LEITURA

É produtivo pedir aos alunos que releiam o último capítulo e anotem as características de Chiquinho. Em seguida, eles podem retomar as anotações feitas após a leitura do primeiro capítulo e compará-las. Houve mudanças? Quais? Por quê?

Sobre o prefácio de Nelly Novaes Coelho, pode-se, a título de exemplo para as referências históricas lá citadas, mostrar aos alunos algumas canções da época (décadas de 1960 e 1970): “A Banda”, de Chico Buarque, “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, ou “Disparada”, de Geraldo Vandré e Teófilo Barros Neto. Em seguida, pode-se mostrar a eles seus significados simbólicos e debater o motivo por que esses compositores passaram uma mensagem de forma indireta, em vez de dizer explicitamente o que queriam. Deve-se dizer aos alunos que mais tarde, com o fim do regime militar no Brasil, essa forma de escrever canções populares influenciou boa parte da poesia e da música feitas hoje.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA RENATA DIAS MUNDT (EDUCADORA E TRADUTORA ESPECIALIZADA EM LITERATURA INFANTO-JUVENIL); COORDENAÇÃO IVONE DARÉ RABELLO; REVISÃO PEDAGÓGICA E PREPARAÇÃO MIRÓ EDITORIAL

